

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

DENIVAL NASCIMENTO VIEIRA JÚNIOR

**IDENTIFICAÇÃO DO FREQUÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE
ESTUDANTES DE UMA INSTUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

PICOS - PIAUÍ

2020

DENIVAL NASCIMENTO VIEIRA JÚNIOR

**IDENTIFICAÇÃO DO FREQUÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE
ESTUDANTES DE UMA INSTIUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Dr. Italo Rossi Roseno Martins.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

V657i Vieira Junior, Denival Nascimento.
Identificação da frequência de automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior. / Denival Nascimento Vieira Junior. -- Picos,PI, 2020.
61 f.
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.
“Orientador(A): Prof. Dr. Italo Rossi Roseno Martins.”

1. Automedicação. 2. Ensino Superior - Estudantes. 3. Medicamentos- Uso Racional -. I. Título.

CDD 615.7042

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

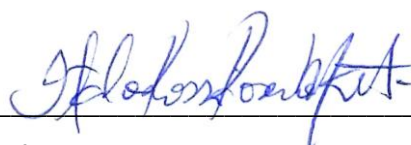
DENIVAL NASCIMENTO VIEIRA JÚNIOR

**IDENTIFICAÇÃO DO FREQUÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE
ESTUDANTES DE UMA INSTUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Bacharel em Enfermagem.

Data de aprovação: 18/09/2020.

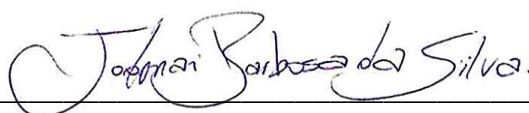
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Italo Rossi Roseno Martins
Doutor
Presidente da Banca



Profa. Joedna Cavalcante Pereira
Mestra
2º. Examinador



Prof. Jodonai Barbosa da Silva
Doutor
3º. Examinadora

Dedico esse trabalho a Deus, autor e consumidor da vida, Aquele que sonhou antes de mim a conclusão desse curso. Ao meu tio Edvan Pereira Evangelista (*in memoriam*) por ter sido um dos principais motivos da minha insistência. Aos meus pais Elisângela Pereira Evangelista e João Silva de Souza, por todo incentivo financeiro. As minhas irmãs Paula Evangelista Silva, Maria Elvira Evangelista Silva e meus amigos por todo incentivo e amparo afetivo.

AGRADECIMENTOS

Louvo a Deus por tudo e por tanto, e a Ele eu agradeço primeiro, porque antes de tudo e de todos Ele sonhou, por isso hoje eu estou aqui. Eclesiastes 3:1 “Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todas as coisas debaixo do céu.”

Agradeço aos meus pais Elisângela e João por todo incentivo financeiro, desde o ensino médio quando sai de casa para morar em outra cidade, obrigado por acreditar em mim e oferecer a oportunidade, por vezes sem ter, essa vitória é mais por você do que por mim. As minhas irmãs Paula e Maria, por estarem sempre ouvindo as minhas reclamações e postando minhas conquistas me deixando por vezes com vergonha nas redes sociais, essa vitória é nossa, por vocês quatro (sim, quatro).

A minha avó Mininha e as minhas tias Suzy, Irene e minha madrinha Joice, que inúmeras vezes me ajudaram financeiramente e emocionalmente, bem como outros familiares por todas as orações e com alguns itens domésticos quando me mudei para Picos, a luta começou bem antes desse TCC.

Gratidão as amigas de apartamento do Borges Pri, Kamilla e Myla que começou no CPM, talvez sem elas nem estivesse em Picos né, Pri? Meus companheiros de apartamento com quem compartilho desde 2017 minha vida, e hoje posso chama-los de irmãos, João Victor e Vicente, essa vitória é nossa. Agradeço a Família FPS, Tayse e Daniela, temos tantas histórias que não poderia em hipótese alguma deixar de agradecer-los, cada um de vocês contribuiu para essa conquista, ao grupo “Conto das 7”, ao Júnior, Marília e ao grupo “tia Sara” por compartilharmos momentos bons e ruins, mas principalmente pela família que formamos.

Gratidão a todos os meus colegas de turma, e de curso, todos contribuíram direta e indiretamente com a minha formação, em especial com esse trabalho, já que ele dependia da colaboração dos estudantes do *Campus*. Aos meus professores, externo minha gratidão, o Denival Júnior de hoje, futuro enfermeiro, deve cada tijolo dessa construção a vocês, meu desejo é que o Curso de Enfermagem da UFPI – CSHNB cresça cada dia mais, nós somos grandes. Em especial aqueles que aprendi mais do que ser enfermeiro Ana Larissa, Inara Viviane, Nadya Moura, Jodonai Barbosa, Andressa Suelly, Jéssica Denise, Eugênio Melo, Sarah Nilkece, Tereza Galiza, Renato Felipe, Kássia Oliveira, Laura Formiga, Édina Araújo, Luisa Helena, Viviane Pinheiro, Lany Leide, Walquiria Pimentel, Gilberto Pereira, Mayla Guimarães, Ana Danusia, Jayne Moura, Márcia M. M, Patricia Barros e Ionara Holanda.

Agradeço a todos que compartilharam de muitos momentos comigo durante essa caminhada que é a graduação, aos colegas que estiveram no “Colegiado do Curso”, no “Conselho do Campus”, no “Mais sorriso, mais saúde”, no “TV mais saúde”, no “Anatomia nas escolas”, “Adote uma família”, “Solidariedade e proteção”, “SAMU Educativo”, “Sono e Alimentação”, na “LACAH”, na “LAFAT” e na “LASFAC”. Aos professores que me orientaram nesses projetos Jodonai, Italo, Sarah, Renato, Tereza, Andressa, Kássia, Cinara, Larissa G., Ana Larissa, Fátima, Iana Bantim, Gilberto e Antônio. Agradeço especialmente a uma pessoa, que se tornou mais que um professor, um amigo que compartilha além do conhecimento, conselhos e incentivos, que despertou em mim o amor pela anatomia o grande Jodonai Barbosa.

Louvo a Deus pela vida de algumas pessoas, mas em especial ao Henrique e a Tielly, dois amigos que não tenho dúvidas que Deus mandou para me acompanhar nessa jornada, e ao conjunto Agape por toda acolhida, vocês tornaram a minha estadia em Picos mais leve. Louvo ainda pela vida dessas pessoas: Paloma, Isaac, Rebeca, Gabriela, Karol e David por todas as experiências, bem como todos que participavam da CRU e da ABU.

Algumas pessoas com quem tive a oportunidade de conviver e com quem aprendi muito e tenho grande admiração Anna Maria, Bia Nascimento, Thamilis Silva, Ranna Gomes, Illana Lima, João Matheus, Vitória Eduarda, Renata Kelly, Thaisa Maria, Gabriela Rocha, João Neto, Augusto César, Tiago Soares. Gratidão a Maisa e a Dinah por ter contribuído tanto com esse trabalho, não tenho palavra para agradecer! Ao meu irmão e dupla durante o curso, Igor Palhares você é uma inspiração para mim.

Agradeço ao Seu Paulo por tamanha gentileza e por todas as vezes que me deixou entrar sem ficha no RU, para eu pagar no outro dia, a Ismênia pelos cafés pagos e não pagos também, a tia Ocelma pelos lanches antes do estágio, as tias da limpeza por sempre me perguntar se eu estava bem quando me olhavam triste, aos técnicos de laboratório e administrativos, pela paciência comigo inúmeras vezes.

Por fim, mas não menos importante, na verdade um dos mais importantes o meu orientador Italo Rossi, por ter aceitado o desafio que foi me orientar, por não ter desistido, mesmo por vezes eu sendo irresponsável, por tornar a escrita desse trabalho mais leve com seu jeito dinâmico de lidar com as coisas. Essa vitória é nossa, brow.

Agradeço a mim, por não ter desistido, mesmo essa proposta sendo tentadora inúmeras vezes, a todos que contribuíram e não foram citados, MUITO OBRIGADO!

“Nós somos do tamanho dos nossos sonhos.”

_Fernando Pessoa

RESUMO

A automedicação é caracterizada pela utilização de medicamentos sem a prescrição de um profissional qualificado, sendo os fatores econômicos, os políticos e os culturais os mais associados a prática. Além disso, a maior disponibilidade de produtos no mercado gera grande familiaridade do usuário leigo com os medicamentos. Mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos inapropriadamente, as consequências dessa prática podem ser críticas para o indivíduo, dependendo da forma que ela seja realizada, podendo ser caracterizada também como automedicação segura. O objetivo desse estudo foi identificar a frequência da automedicação em estudantes de ensino superior. Trata-se de um estudo descritivo do tipo quanti-qualitativo, realizado com 424 estudantes dos 11 cursos de graduação de uma instituição pública de ensino superior, do centro-sul do estado do Piauí, no segundo semestre do ano de 2019. O presente estudo constatou que dos 424 dos universitários, 403 (95%) se automedicam, sendo que 305 (71,9%) sempre adquirem esses medicamentos sem prescrição profissional, encontrados pelos usuários principalmente em farmácias (84,2%) e em farmácias e supermercados (7,5%). Cerca de 53,5% responderam que os sintomas sempre passam e que 44,3% responderam que os sintomas cessavam as vezes. Em relação à percepção dos efeitos adversos, 94,6% não perceberam reações adversas após a ingestão dos medicamentos. Acerca das fontes de informações, 47,4% relatou que recorre a pessoas conhecidas, nessa classe está contemplada a família, vizinhos e amigos. Dentro os medicamentos mais citados pelos estudantes a dipirona, que foi mencionada, seguida pelo paracetamol, dorflex®, ibuprofeno, nimesulida e buscopam® Destaca-se ainda uma porcentagem de 6,1% dos universitários se consideram dependentes de algum medicamento. Assim, conclui-se que o perfil da automedicação nessa instituição é alarmante e requer um olhar especial.

Palavras-chave: Automedicação; Ensino Superior; Uso racional de medicamentos.

ABSTRACT

Self-medication is characterized by the use of medicines without the prescription of a qualified professional, with economic, political and cultural factors being the most associated with the practice. In addition, the greater availability of products on the market generates great familiarity of the lay user with the medicines. More than 50% of all drugs are prescribed, dispensed or sold inappropriately, the consequences of this practice can be critical for the individual, depending on the way it is performed, and can also be characterized as safe self-medication. The aim of this study was to identify the frequency of self-medication in higher education students. This is a descriptive study of the quanti-qualitative type, carried out with 424 students from the 11 undergraduate courses of a public institution of higher education, in the south-central state of Piauí, in the second semester of 2019. The present study found that of the 424 of the university students, 403 (95%) self-medicated, with 305 (71.9%) always purchasing these drugs without a professional prescription, found by users mainly in pharmacies (84.2%) and in pharmacies and supermarkets (7.5%). About 53.5% answered that the symptoms always pass and that 44.3% answered that the symptoms stopped sometimes. Regarding the perception of adverse effects, 94.6% did not notice any adverse reactions after taking the medications. Regarding the sources of information, 47.4% reported that they use people they know, in this class family, neighbors and friends are included. Among the drugs most cited by students, dipyrone, which was mentioned, followed by paracetamol, dorflex®, ibuprofen, nimesulide and buscopam® It is also highlighted that a percentage of 6.1% of university students consider themselves dependent on some medication. Thus, it is concluded that the profile of self-medication in this institution is alarming and requires a special look.

Keywords: Self-medication; University education; Rational use of medicines.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Caracterização dos sintomas mais comuns para a prática da automedicação entre os estudantes. Picos – PI, Brasil, 2020.....	31
Gráfico 2: Frequência dos medicamentos mais utilizados pelos estudantes. Picos – PI, Brasil, 2020.....	32
Gráfico 2: Classes de medicamentos mais utilizadas pelos universitários. Picos – PI, Brasil, 2020.....	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Perfil socioeconômico e demográfico dos estudantes incluídos na amostra. Picos – PI, Brasil, 2020. (n=424).....	27
Tabela 2: Perfil do consumo de medicamentos pelos estudantes incluídos na amostra. Picos – PI, Braisl, 2020. (n=424).....	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fórmulas para cálculo do tamanho de amostras para descrição de variáveis quantitativas e qualitativas em uma população. Picos – PI, Brasil, 2020.....	23
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABIAR – Associação Brasileira da Indústria da Automedicação Responsável

ABIFARMA – Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas

ANF – Associação Nacional de Fármacias

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

CFF – Conselho Federal de Farmácia

CES – Centro de Educação e Saúde

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CRF – Conselho Regional de Farmácia

DP – Desvio Padrão

EEPHC – Escola de Educação Permanente do Hospital das Clínicas

MIP – Medicamentos Isentos de Prescrição

OMS – Organização Mundial de Saúde

PNM – Política Nacional de Medicamentos

SPSS – *Software Statistical Package for the Social Sciences*

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFPI – Universidade Federal do Piauí

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OBJETIVOS	16
2.1 GERAL	16
2.2 ESPECÍFICOS	16
3 REVISÃO DA LITERATURA	17
4 MÉTODO	22
4.1 TIPO DE ESTUDO	22
4.2 LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO	22
4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO.....	22
4.4 COLETA DE DADOS	23
4.5 ANÁLISE DOS DADOS	24
4.6 ASPECTO ÉTICOS E LEGAIS	25
5 RESULTADOS	27
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DE AUTOMEDICAÇÃO PELOS ESTUDANTES	27
5.2 ATIVIDADES EDUCATIVAS SOBRE AUTOMEDICAÇÃO	34
6 DISCUSSÃO	35
7 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	46
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA	47
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	48
APÊNDICE C – FOLDER EDUCATIVO ACERCA DA AUTOMEDICAÇÃO	51
APÊNDICE D – PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS PARA REDE SOCIAL.....	52
ANEXOS	53
ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	54

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é a prática de utilizar medicamentos sem prescrição, estando inclusa dentro do conceito de autocuidado. A automedicação responsável é definida como a prática pela qual indivíduos tratam seus problemas de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis para serem adquiridos sem prescrição, e que sejam seguros e efetivos quando utilizados como indicado (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Dentre os principais fatores que estão associados a essa prática, pode-se destacar os econômicos, os políticos e os culturais. Além disso, a maior disponibilidade de produtos no mercado gera grande familiaridade do usuário leigo com os medicamentos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos inapropriadamente; sendo que metade dos usuários não seguem a posologia estabelecida de forma correta; e ainda, mais de 50% de todos os países não possuem políticas básicas para promover o uso racional de medicamentos.

De acordo com Lage (2005) e Luchessi (2005), a veiculação de campanhas publicitárias tendenciosas se tornam perigosas, pois seus objetivos são de caráter majoritariamente comerciais e induzem à automedicação por pessoas que não têm atitude crítica na recepção dessa publicidade para reconhecer o limite do seu uso dentro da atenção à saúde.

Tendo em vista que o público universitário tende a ser mais impulsivo e menos cuidadosos, bem como estão mais expostos aos estresses diários na vida acadêmica, podem estar mais sujeitos a utilização de medicamentos sem prescrição, em busca de alívios a sinais e sintomas momentâneos. A correria da vida universitária, bem como o índice de desenvolvimento acadêmico, pode ser um dos fatores que induz a automedicação por parte desse público.

De acordo com Lage, (2005) conclui-se que as informações são instrumentos indispensáveis para ampliação da consciência sanitária, faz-se necessário a formação de um corpo de conhecimentos que permita avançar na discussão de como fazer chegar efetivamente, via mídia, informações pertinentes aos usuários de medicamentos e à população em geral, visando ao aprimoramento da qualidade da informação veiculada e dos efeitos provocados com informação. Ainda, segundo Tomasi *et al.* (2007) o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução

e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde.

O conhecimento adquirido acerca dos fármacos proporciona maior confiança para a prática entre os estudantes universitários da área da saúde. Sabe-se que para o consumo de medicamentos acontecer de maneira correta, eficaz e sem apresentar riscos é necessário a conscientização do consumidor por meio de informações concretas e de segurança, como a produção científica no Brasil ainda é escassa, a automedicação entre universitários resulta na dificuldade da elaboração de políticas relacionadas à conscientização sobre o uso de medicamentos sem orientação de um profissional (MASTROIANNI *et al.*, 2011; SILVA *et al.*, 2015).

Sabe-se que o meio acadêmico se caracteriza como um ambiente que exige dos discentes dedicação, esforço mental e além disso um equilíbrio entre as demais áreas de sua vida, mediante isso, muitos acadêmicos acabam por adquirir problemas de saúde e que por vezes acabam recorrendo ao uso de medicamentos, sem a adequada prescrição e orientação, para amenizar tais dificuldades. Diante do exposto, o presente estudo buscou caracterizar a frequência da automedicação entre os acadêmicos das diversas áreas e cursos de uma instituição pública de ensino superior, bem como se os mesmos possuem os devidos conhecimentos dos benefícios e potenciais danos a qual estão expostos ao realizarem tal prática.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Identificar a frequência de automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior.

2.2 Específicos

- Verificar os níveis de automedicação entre os discentes de diferentes áreas e cursos de uma instituição pública de ensino superior;
- Conhecer os medicamentos mais utilizados (classes farmacológicas, indicação) pela público alvo;
- Realizar atividades educativas com os usuários acerca dos riscos e perigos inerentes à automedicação, alertando sobre a importância de se procurar um profissional de saúde para os devidos esclarecimentos e promover o uso racional de medicamentos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A Lei nº 5.991/73 define medicamento "como todo produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnósticos" ou "uma substância química com objetivo de cura". O fato da acreditação de que os medicamentos são sinônimos de "saúde", está diretamente associado à prática da automedicação, no entanto, o risco encontra-se inerente a esse processo (SILVA *et al*, 2011).

Somente nas últimas décadas é que os debates acerca da automedicação tem-se intensificado, apesar de a mesma ser uma prática antiga. A desunião da farmácia e a clínica que ocorreu no século XX desencadeou uma competição por poder entre os médicos e os farmacêuticos no que diz respeito à indicação dos medicamentos. Com isso, levantou-se a possibilidade de que o uso indiscriminado dos medicamentos sem prescrição, foi fortalecido e assim dividiu-se em duas vertentes, a automedicação responsável que acontece quando há indicação farmacêutica e automedicação não responsável (JESUS; YOSHIDA; FREITAS, 2013).

A Associação Brasileira da Indústria da Automedicação Responsável (ABIAR), que representa empresas no setor de medicamentos, conhecido também como "medicamentos de venda livre", os quais correspondem a 70% das vendas do mercado nacional. Essa porcentagem representada em valor total adquirida pelo mercado de medicamentos, é cerca de R\$ 4 bilhões, por ano, que representa entre 25% e 30% do mercado total farmacêutico (ABIAR, 2015).

O Brasil passa por constantes mudanças na área da saúde, que necessitam de investimentos financeiros e de infraestrutura para otimizar a oferta de serviços de saúde, em especial na atenção primária, com as Equipes de Estratégias Saúde da Família, bem como, na assistência farmacêutica para garantir o acesso gratuito e uso racional dos medicamentos pelos profissionais e comunidade em geral (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2012; VIEIRA; ZUCCHI, 2013).

A automedicação é uma forma importante de cuidados pessoais, tendo-se evidências que mostram que é a forma mais comum de resposta a sintomas. Fatores diversos, como a medicalização e as estratégias promocionais da indústria farmacêutica, podem contribuir para a efetivação de práticas e desejos "irracionais" de utilização de medicamentos por indivíduos ou populações. No Brasil, pelo menos

35% dos medicamentos são adquiridos para automedicação (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

A automedicação é entendida como uma prática na qual indivíduos ou seus responsáveis tomam a iniciativa, sem prescrição médica e/ou acompanhamento de um profissional de saúde qualificado, de consumir medicamentos com o intuito de aliviar sintomas ou até mesmo tratar doenças, sendo inclusive reconhecida como fenômeno de autocuidado com a saúde, o qual, até certo ponto, é inevitável. Em outras palavras, é a ingestão de medicamentos por conta e risco próprios (MASSON *et al*, 2012).

Essa prática, mesmo sendo considerada por especialistas como forma comum de autocuidado, pode ser potencialmente danosa à saúde tanto individual quanto coletiva, principalmente pelo fato de que nenhum medicamento é inócuo ao organismo (SCHUELTER *et al*, 2011).

A cultura de se automedicar, lesa principalmente o usuário, que é talvez, o elo mais frágil dessa cadeia. No Brasil, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), todo ano, cerca de 20.000 pessoas morrem vítimas da automedicação (CASAGRANDE *et al*, 2004; ABIFARMA, 2016).

A automedicação apresenta alta incidência, tanto em países desenvolvidos (68%) quanto em países subdesenvolvidos (92%), podendo assim, ser considerada um problema de saúde pública, sendo influenciada direta ou indiretamente por fatores econômicos, culturais e políticos (LOYOLA FILHO *et al*, 2002).

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA (2014), além dos erros de medicação, em termos de políticas públicas, é um desafio reduzir a automedicação em um país que ocupa o sexto lugar entre os países consumidores de medicamentos. Na perspectiva de buscar uma sistematização da prescrição e acesso ao medicamento, o Governo Federal lançou a Portaria nº 3.916/98, do Ministério da Saúde, que estabelece a Política Nacional de Medicamentos, que tem como propósito garantir a necessária segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos, a promoção do uso racional e o acesso da população àqueles considerados essenciais (JOÃO; 2010).

A referida política fortalece as diretrizes e princípios legalmente estabelecidos, explica quais são as responsabilidades dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), dos gestores nas três esferas de governo, que devem atuar em parceria para a implantação e efetivação da política e assegurar o acesso da população a

medicamentos seguros, eficazes e de qualidade, ao menor custo (POLÍTICA NACIONAL DE MEDICAMENTOS, 2000).

O Brasil passa por muitas transformações na área da saúde, que possui investimentos financeiros e de infraestrutura para aumentar a oferta de serviços de saúde, principalmente na área da atenção primária, com a Estratégia Saúde da Família, e na área da assistência farmacêutica para garantir o acesso gratuito e uso racional dos medicamentos pelos profissionais e comunidade em geral (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2012; VIEIRA; ZUCCHI, 2013).

No Brasil, a orientação sobre o uso correto de medicamentos em qualquer nível de atenção à saúde é uma das atividades do Farmacêutico. A Política Nacional de Medicamentos (PNM), aprovada em 1998, definiu as funções e finalidades da assistência farmacêutica no âmbito do SUS como um grupo de atividades relacionadas ao medicamento (OLIVEIRA; ASSIS; BARBONI, 2010).

Com o propósito de garantir segurança, eficácia e qualidade dos medicamentos, o uso racional e o acesso da população a medicamentos essenciais, a Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, aprovou através da Portaria nº 3.916 de 30 de outubro de 1998, a Política Nacional de Medicamentos. A referida política fortalece as diretrizes e princípios legalmente estabelecidos, explica quais são as responsabilidades dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), dos gestores nas três esferas de governo, que devem atuar em parceria para a implantação e efetivação da política e assegurar o acesso da população a medicamentos seguros, eficazes e de qualidade, ao menor custo (POLÍTICA NACIONAL DE MEDICAMENTOS, 2000).

Apesar de essa portaria trazer significativas contribuições na discussão dos paradigmas relacionados à compra, distribuição e prescrição de medicamentos pelos órgãos públicos, pode-se verificar que ainda pouco se conseguiu na mudança do hábito de automedicação da população (SILVA *et al*, 2015).

São várias as maneiras que a automedicação pode ser praticada, como por exemplo: adquirir o medicamento sem receita, compartilhar remédios com membros da família ou do círculo social, desviar unidades de receitas destinadas a outra terapêutica, reutilizar antigas prescrições e descumprir orientação profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a posologia e o período de tempo indicados na receita (SOUSA; OLIVEIRA; LEITE, 2016).

Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), em solo brasileiro, todo ano, cerca de 20 mil pessoas morrem, no país, vítimas da

automedicação, essa consequência pode estar associada aos efeitos adversos e/ou intoxicação medicamentosa. Por outro lado nos Estados Unidos, somente os gastos com as reações adversas, em decorrência do uso de medicamentos controlados custam mais de seis milhões de dólares anuais para o governo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS FARMACÊUTICAS, 2016).

De acordo com a OMS, um certo nível de automedicação é aceitável desde que ocorra, de forma responsável. E, este nível de automedicação pode ser benéfico para o sistema público de saúde, como por exemplo, em casos de dores de cabeça, muitas vezes, resultantes de situação de estresse, cólicas abdominais ou menstruais, podem ser aliviadas temporariamente com medicamentos de menor potência (OMS, 2015).

Na maioria dos países industrializados, vários medicamentos de uso mais simples e comum estão disponíveis em farmácias, drogarias ou supermercados e podem ser obtidos sem necessidade de receita médica, como os analgésicos, antitérmicos, entre outros. Enfatiza-se que quanto as classes de medicamentos mais utilizados, foram mais prevalentes analgésicos, anti-inflamatórios, antigripais, relaxantes musculares e antitérmicos (MARTINS *et al*, 2011; TOGNOLI *et al*, 2019).

De acordo com Aquino (2010), para minimizar esse problema, o esperado seria a utilização de medicamentos após indicação de profissional de saúde qualificado: médico, dentista ou farmacêutico. Porém, tal qualificação profissional pode ser questionada, uma vez que dados da literatura mostram que acadêmicos da área da saúde possuem o hábito de se automedicar. Ainda de acordo com esse estudo, a automedicação é encontrada entre estudantes de farmácia, fisioterapia, educação física, nutrição, fonoaudiologia, terapia ocupacional e odontologia (AQUINO, 2010).

A automedicação entre universitários, tem sido amplamente estudada em países da América do Norte, Europa e Ásia, porém em países em desenvolvimento, como o Brasil, existe carência de dados úteis para a promoção de medidas eficazes no combate a automedicação e promoção do uso racional de medicamentos, aspectos esses desenvolvidos e preconizados pela Organização Mundial de Saúde (SCHUELTER *et al*, 2011).

Os percentuais para essa prática podem variar entre as diferentes áreas de formação, observando-se que 88,57% dos acadêmicos do curso de enfermagem e 94,55% dos alunos de medicina praticam esse hábito (AQUINO, 2010).

Para Masson *et al*, (2012) era esperado que o conhecimento farmacológico das reações adversas ao uso desses medicamentos pudesse influenciar nessa prática,

fato este não corroborado neste estudo. Demonstra-se que o acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais ou em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam potencializando os possíveis danos inerentes à essa prática.

Em estudo realizado para a Associação Nacional de Farmácias (ANF) evidenciou-se que os riscos da automedicação são acrescidos conforme aumenta o número de medicamentos que o indivíduo ingere concomitantemente, prática essa conhecida como polifarmácia. Estão implicados na gênese da polifarmácia aspectos como o número de médicos consultados, a ausência de perguntas durante a consulta médica sobre os medicamentos em uso e a automedicação, além da presença de comorbidades (ROLLASON; VOGT, 2003).

Diante do panorama supracitado, ações que promovam a disseminação do conhecimentos inerentes ao uso racional de medicamentos são de extrema valia. Nesse sentido, ao se traçar o perfil de automedicação de uma população de discentes do ensino superior, pode-se planejar e adotar medidas de educação e qualificação deste grupo em específico, transformando-os em potenciais disseminadores de medidas que combatam e reduzam os potenciais danos relacionados à prática inadequada da automedicação.

4 MÉTODO

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo de caráter quanti-qualitativo sobre o perfil da automedicação em estudantes universitários. Foi realizada uma busca ativa de usuários na comunidade universitária de uma instituição pública de ensino superior, na cidade de Picos/PI, através do preenchimento de questionário específico com informações sobre o indivíduo (idade, sexo, curso e período) e acerca do hábito da automedicação (fármaco utilizado, efeitos adversos, local de obtenção do medicamento, análise dos riscos, a quem recorre para obter informações sobre os medicamentos, percepção de dependência medicamentosa). A partir dos dados obtidos, foi realizada uma análise do perfil dos acadêmicos que se automedicam para dessa forma subsidiar as ações de educação em saúde.

4.2 Local e período de realização do estudo

O estudo foi realizado na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvidio Nunes de Barros, localizado no município de Picos/PI, situado no centro-sul do Piauí a 320 km da capital do Estado. A instituição possui 3.087 alunos regularmente matriculados, é composta por 11 cursos de graduação bacharelado e licenciatura.

O estudo foi realizado no período de 2019.2 e 2020.1, correspondendo aos meses de agosto a dezembro de 2019 e março a junho de 2020.

4.3 População do estudo

A população do estudo é de 3.087 estudantes e a amostra é composta por 348 estudantes. Foram selecionados discentes regularmente matriculados em um dos cursos oferecidos pela instituição UFPI/CSHNB.

Os questionários foram aplicados de forma online, por meio de um link da plataforma GoogleForms, com uma meta de 348 discentes entrevistados, que corresponde a um percentual de 11,07% do total de 3.087 alunos matriculados, no entanto para esse estudo a amostra corresponde a um número de 424 discentes que corroboraram com a pesquisa..

O cálculo da amostra seguiu a forma defendida por Miot (2011) que calcula uma amostra para comparação de subgrupos, dentro de uma população. Esse cálculo apresenta variáveis que determinam a confiabilidade da população amostra, visto que dependem de testes estatísticos, o quadro 1, apresenta a fórmula.

Quadro 1: Fórmulas para cálculo do tamanho de amostras para descrição de variáveis quantitativas e qualitativas em uma população.

	Variável quantitativa	Variável qualitativa
População infinita	$n = \left(\frac{Z_{\alpha/2} \cdot \delta}{E} \right)^2$	$n = \left(\frac{Z_{\alpha/2} \cdot \sqrt{p \cdot q}}{E} \right)^2$
População finita (<10000)	$n = \frac{N \cdot \delta^2 \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{(N-1) \cdot (E)^2 + \delta^2 \cdot (Z_{\alpha/2})^2}$	$n = \frac{N \cdot p \cdot q \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{(N-1) \cdot (E)^2 + p \cdot q \cdot (Z_{\alpha/2})^2}$

n – tamanho da amostra; $Z_{\alpha/2}$ – valor crítico para o grau de confiança desejado, usualmente 1,96 (95%); δ – desvio padrão populacional da variável; E – erro padrão, usualmente: $\pm 5\%$ da proporção dos casos (precisão absoluta), ou $\pm 5\%$ da média (1,05xmédia); N – tamanho da população (finita); p – proporção de resultados favoráveis da variável na população; q – proporção de resultados desfavoráveis na população (q=1-p).

Fonte: Miot, 2011.

Ao aplicamos a fórmula de Miot (2011), a uma população finita de 3.087 graduandos, distribuídos em 11 cursos de graduação da UFPI/CSHNB, com grau de confiabilidade de 95% e margem de erro de 5%, o valor da amostra foi constatado de 348 acadêmicos.

Os critérios de inclusão foram:

- Acadêmicos regularmente matriculados nos cursos ofertados pela instituição de nível superior onde a pesquisa será realizada;
- Ser maior de 18 anos.

Não houveram critérios de exclusão, todos os participantes que atendessem os critérios de inclusão, estavam aptos a participar do estudo.

4.4 Coleta de dados

A coleta de dados no campo aconteceu no segundo semestre de 2019, correspondendo ao período letivo 2019.2, foi realizada por meio da aplicação de questionários online (APÊNDICE A), composto por informações acerca da idade, sexo, curso e período de graduação de cada participante, bem como, parâmetros acerca da prática de aumedição, se adquire sem prescrição, quais medicamentos são mais consumidos, sintomas mais comuns, se os sintomas passavam após o consumo, onde adquiriam os medicamentos, a quem recorriam para obter informações, se

consideravam-se dependentes de algum medicamento e quais medicamentos os participantes eram dependentes.

Os questionários foram enviados por meio da rede social WhatsApp aos representantes de turma de cada curso, bem como, enviado em grupos da mesma rede social, com membros da Universidade. Além disso, foram realizadas postagens nos perfis do Instagram da Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica, no perfil dos Centros Acadêmicos dos cursos da UFPI/CSHNB estimulando a participação dos estudantes na pesquisa.

Foram desenvolvidas ações educativas de forma presencial, na instituição, abordando pontos estratégicos como o pátio central da universidade, a biblioteca, o restaurante universitário, e durante a realização do Seminário de Extensão da UFPI em 2019, foram entregues folders informativos acerca da automedicação, bem como os riscos associados ao uso indiscriminado de determinadas classes de medicamentos e o estímulo a automedicação responsável, essas atividades aconteceram em momentos distintos entre os meses de agosto e dezembro de 2019.

Com os resultados da pesquisa já tabulados, foram realizadas publicações online no perfil da Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica (LAFAT) na rede social instagram, discutindo as temáticas abordadas no questionário, foram realizadas 11 publicações, e socializadas nos grupos de WhatsApp, perfis dos Centros Acadêmicos, bem como, foi possível perceber o compartilhamento entre os alunos da instituição, visto por meio do acompanhamento da rede social de alguns estudantes, essas publicações aconteceram nos meses de julho e agosto de 2020. Vale ressaltar que essas postagem aconteceram online, principalmente devido a impossibilidade de realização de atividades presenciais, devido a pandemia provocada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

4.5 Análise dos dados

Os dados foram organizados e analisados no programa de computador Microsoft Excel, por ordem de data em que os questionários foram aplicados, dentro dessa classificação, o critério estabelecido será a organização por ordem alfabética. Posteriormente esses dados foram tabulados pelo programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), para a análise dos dados.

Foram realizados os cálculos de média das respostas obtidas e feito a porcentagem do total de cada resultado, para que os resultados sejam apresentados em forma de gráficos de setores, com um gráfico para cada pergunta do instrumento de coleta de dados.

Produzindo a partir das respostas obtidas um perfil que caracterizou a atual situação dos acadêmicos que responderam ao questionário, elencando motivações para a prática da automedicação entre os estudantes.

4.6 Aspecto éticos e legais

Os acadêmicos que responderam ao questionário tiveram suas identidades preservadas, através do anonimato. Houve a necessidade que participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) que garantiu que as informações prestadas fossem utilizadas na pesquisa de maneira ética e legal.

De acordo com Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, é necessário que consideremos que todo o progresso e avanço da pesquisa devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano, garantindo que danos previsíveis serão evitados, utilizando os métodos adequados para responder às questões estudadas, contar com os recursos humanos e materiais necessários que garantam o bem-estar do participante da pesquisa, prevendo ações que assegurem a confidencialidade, a privacidade e a proteção da imagem do público alvo. Essa pesquisa foi aprovada mediante parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, com numero de aprovação 3.062.533 e CAAE 00604818.8.0000.8057.

Os riscos relacionados a participação dos estudantes foram:

- Constrangimento ao responder algumas perguntas;
- Cansaço mental ao ter que relembrar informações importantes;
- Tomar uma parte do seu tempo ao responder o questionário;
- Invasão de privacidade ao serem revelados informações pessoais;
- A quebra do sigilo não intencional das informações coletadas é algo comum a todas as pesquisas, porém foram tomadas uma série de cuidados para que tais problemas não acontecesse.

Mediante os riscos expostos, foram tomadas algumas medidas e precauções:

- Em relação ao constrangimento, os desconfortos foram minimizados mediante a preparação de um local reservado, e a todo o momento o candidato teve a livre escolha de responder ou não as questões que lhe causem constrangimento.
- Para diminuir o cansaço mental, foi explicado aos participantes que os mesmos poderiam parar de responder a qualquer momento o questionário e pedir ajuda a pessoas que possam contribuir para a recordação das informações/respostas.
- Quanto ao tempo, o questionário foi elaborado em sua maior parte com perguntas fechadas para facilitar as respostas e reduzir o tempo de permanência do participante em sala. Além disso, foi garantido o direito de o mesmo desistir a qualquer momento de responder o questionário.
- Foi garantido a todo momento o sigilo das informações coletadas, mediante o acesso restrito dos mesmos apenas pelos pesquisadores envolvidos.

É garantido o direito da indenização, caso haja algum dano ou violação referente a divulgação da identificação dos participantes. Por meio dos dados coletados, foram geradas informações pertinentes que serviram de base para a elaboração de ações que ajudaram a comunidade acadêmica quanto ao uso correto das medicações. Além disso, contribuiu para alertar os discentes quanto aos riscos da automedicação, bem como os docentes, quanto ao seu papel como educadores na formação de profissionais saudáveis. A partir disso, a comunidade acadêmica dessa instituição pública de ensino superior levou tais informações para a sociedade e, assim, transmitindo conhecimento e promovendo saúde.

5 RESULTADOS

O consumo de medicamentos sem a orientação de profissionais qualificados é preocupante, visto que as consequências dessa atitude podem ser irreversíveis, por isso ratifica-se a importância da implementação de políticas que disseminem a prática do consumo de medicamentos responsável. Esse estudo verificou uma elevada frequência de automedicação em universitários e desenvolveu estratégias de educação em saúde esclarecendo acerca dos riscos dessa prática.

5.1 Caracterização da prática de automedicação pelos estudantes

Os discentes que responderam o questionário eram dos cursos de Administração (7,8%), Ciências Biológicas (11,1%), Educação do Campo (5,0%), Enfermagem (26,7%), História (2,4%), Letras (2,6%), Matemática (4,0%), Medicina (12,3%), Nutrição (16,5%), Pedagogia (6,6%) e Sistemas de Informação (5,2%) (Tabela 1).

Na análise sobre o gênero dos estudantes entrevistados, constatou-se que 69,3% eram mulheres e 30,7% homens. Observou-se ainda que a idade predominante esteve entre 20 e 30 anos (78,5%). Os dados foram organizados para melhor compreensão na tabela 1.

Tabela 1: Perfil socioeconômico e demográfico dos estudantes incluídos na amostra. Picos- PI, Brasil, 2020. (n= 424).

VARIÁVEIS		N	%	MÉDIA ± DP*
IDADE [£]	≤ 19 anos	76	17,9	22,06±4,113
	20 a 30 anos	333	78,5	
	>30 anos	15	3,5	
SEXO	Feminino	294	69,3	
	Masculino	130	30,7	
CURSO	Administração	33	7,8	
	Ciências Biológicas	47	11,1	
	Educação do Campo	21	5,0	

	Enfermagem	113	26,7
	Historia	10	2,4
	Letras	11	2,6
	Matemática	17	4,0
	Medicina	52	12,3
	Nutrição	70	16,5
	Pedagogia	28	6,6
	Sistema de Informação	22	5,2
PERÍODO			
	1º	33	5,4
	2º	52	12,3
	3º	39	9,2
	4º	41	9,7
	5º	42	9,9
	6º	47	11,1
	7º	60	14,2
	8º	68	16,0
	9º	38	9,0
	10º	14	3,3

Fonte: Autor.

‡ Idade: mínimo de 18 anos; máximo de 55 anos.

Os estudantes estão distribuídos 1 e 9 semestres, exceto no curso de pedagogia com 10 e medicina com 12 semestres.

*Desvio Padrão.

Já em relação as frequências encontradas referente a automedicação e suas implicações para o indivíduo, foram obtidos os dados descritos na tabela 2, de forma que foi possível traçar o perfil dos estudantes participantes. Foi analisado a prática da automedicação, como adquire os medicamentos, o uso de prescrição, bem como todos os impasses com relação aos efeitos dessas medicações (tabela 2).

Tabela 2: Perfil do consumo de medicamentos pelos estudantes incluídos na amostra. Picos – PI, Brasil, 2020. (n=424).

Variáveis		N	%
Automedicação	Sim	403	95,0
	Não	21	5,0
Sem prescrição	Sempre	305	71,9
	As vezes	108	25,5
	Nunca	11	2,6
Onde adquire?	Farmácias	357	84,2
	UBS	4	0,9
	Família	6	1,4
	Supermercados	7	1,7
	Farmácias, Família	4	0,9
	Farmácias, Supermercado	32	7,5
	Farmácias, UBS	8	1,9
	Não se aplica	6	1,4
Sintomas passam	Sempre	227	53,5
	As vezes	188	44,3
	Nunca	9	2,1
Percebe reação	Sim	23	5,4
	Não	401	94,6
A quem recorre			
	Autoconhecimento, livros, conhecidos (família, vizinhos e amigos), internet	12	2,8
	Conhecidos (família, vizinhos e amigos)	201	47,4
	Internet	55	13,0
	Profissionais de saúde	155	36,6
	Não se aplica	1	0,2
Analisa riscos	Sempre	103	24,3

	As vezes	255	60,1
	Nunca	66	15,6
Dependente de algum medicamento	Sim	26	6,1
	Não	398	93,9

Fonte: Autor.

Constatou-se que 95% dos estudantes de graduação da instituição praticam a automedicação, ou seja, usam medicamentos sem a prescrição ou indicação de um profissional qualificado. Com relação a utilização de prescrição foi verificado que 71,9% sempre adquirem esses medicamentos sem prescrição profissional, e que 25,5% as vezes adquirem os medicamentos sem a prescrição, além disso, foi evidenciado que esses medicamentos eram encontrados pelos usuários principalmente em farmácias (84,2%) e em farmácias e supermercados (7,5%).

Acerca dos efeitos dos medicamentos relacionados a prática da automedicação, foi analisado se após a ingestão os sintomas reduziam, e se os usuários percebiam alguma reação adversa. Com isso, do total respondido foi identificado que 53,5% responderam que sempre os sintomas passam, e 44,3% responderam que os sintomas cessavam as vezes. Em relação à percepção dos efeitos adversos, 94,6% não perceberam reações adversas após a ingestão dos medicamentos.

Quando se refere aos meios que a população abordada recorre para obter informações acerca dos medicamentos, foi identificado que 47,4% relatou que recorre a pessoas conhecidas, nessa classe está contemplada a família, vizinhos e amigos. Com isso denota-se que as informações por vezes são de fontes leigas e sem conhecimento científico, em contrapartida 36,6% e 13,0% recorrem aos profissionais de saúde e ao serviço de internet respectivamente.

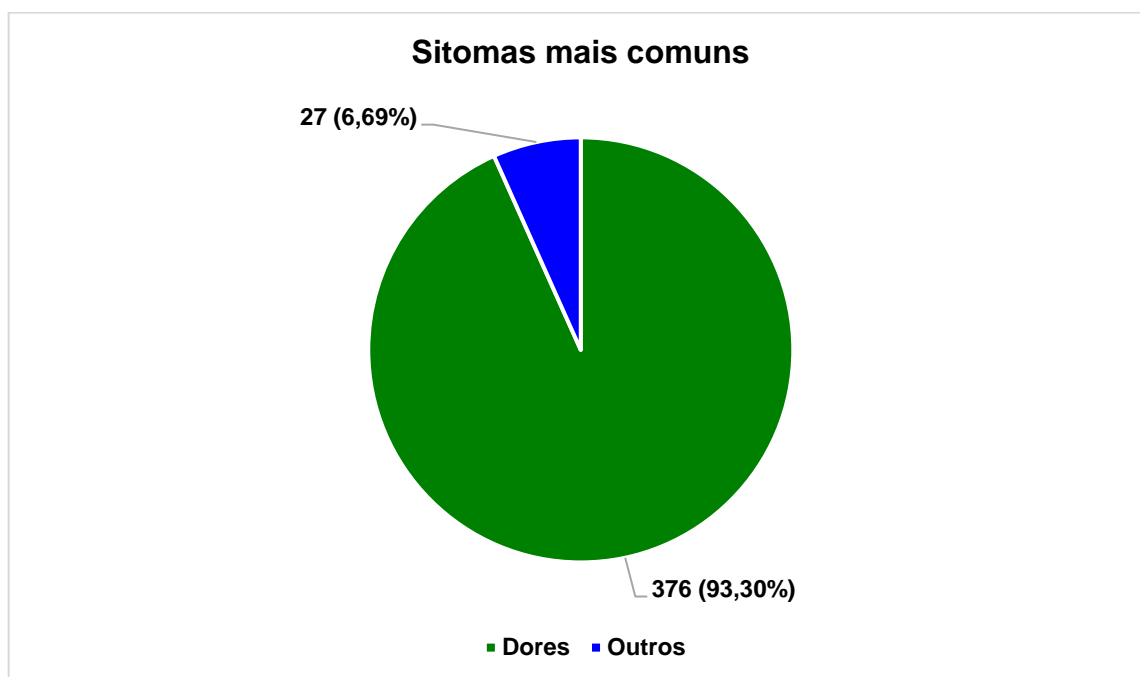
Diante da prática da automedicação foi questionado ainda sobre a análise dos riscos do consumo indiscriminado de medicamentos sem prescrição, foi identificado que 60,1% dos estudantes analisam as vezes os riscos do consumo de medicamentos. Vale ainda enfatizar que 15,6% nunca analisam esses riscos e que somente 24,3% sempre analisam esses riscos.

Ainda de acordo com os riscos do consumo indiscriminado de medicamentos sem prescrição, destaca-se o risco de dependência medicamentosa. Foi identificado

que 93,9% não se consideram dependentes de nenhum medicamento, enquanto 6,1% consideram-se dependentes dos medicamentos ingeridos. Os produtos mais utilizados pelos estudantes que se consideram dependentes foram: dipirona (o mais citado), paracetamol, meloxicam, prolive[®], mesalazina, tensart[®], lizalac[®], fluoxetina, hemitartrato de zolpidem, ibuprofeno, dorflex[®], buscofem[®], cefalium[®], sertralina, buscopan[®] e amytril[®].

Ademais, foi perguntado aos entrevistados quais os sintomas mais comuns que os levam a praticar a automedicação, esses sintomas estão representados no gráfico 1.

Gráfico 1: Caracterização dos sintomas mais comuns para a prática da automedicação entre os estudantes.



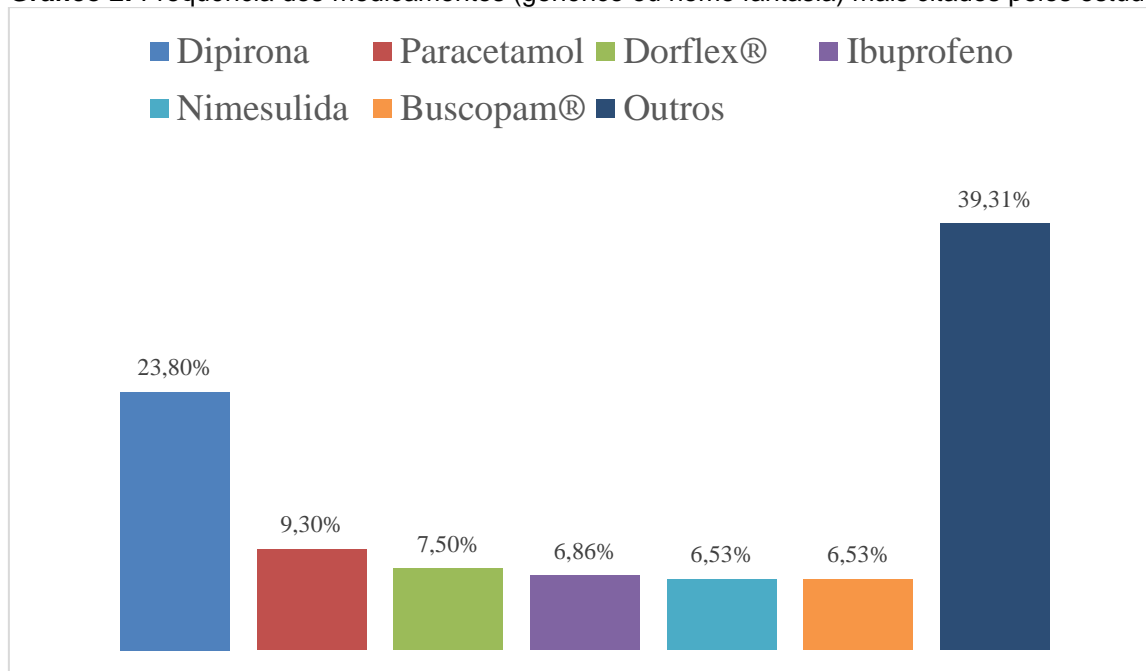
Fonte: Autor, 2020.

Foi identificado que 27 (6,69%) do total de estudantes que se automedicam (403 estudantes) sentem outros tipos de sintomas, como náuseas, ansiedade e insônia. No entanto, um dado que deve-se destacar é que 93,30% (376 estudantes) praticam a automedicação em decorrência de algum tipo de dor, dentre as mais citadas estão dores de cabeça, dores de Fauces “garganta”, cólicas e dores de barriga respectivamente.

Foram citados 903 nomes fantasia de medicamentos, que apresentou 125 tipos de medicamentos diferentes, não foi estabelecido limite de formulações a serem

citadas pelos estudantes, de forma que eles tinham o campo aberto para listar os medicamentos mais utilizados por eles. Assim, identificou-se que dentre os medicamentos mais citados pela amostra foi a dipirona, que foi mencionada por 215 estudantes (gráfico 2).

Gráfico 2: Frequência dos medicamentos (genérico ou nome fantasia) mais citados pelos estudantes.

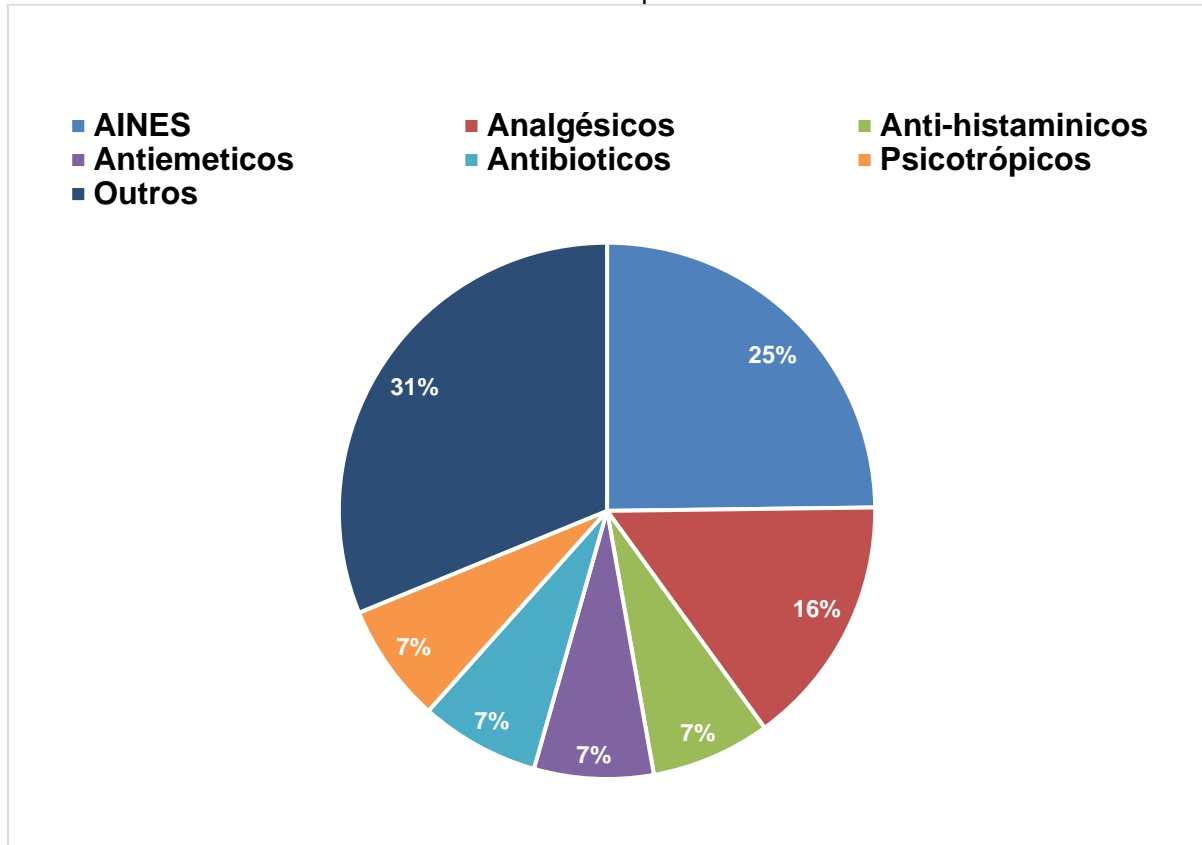


Fonte: Autor, 2020.

Constatou-se que o paracetamol, dorflex®, ibuprofeno, nimesulida e buscopam® foram citados por 84, 68, 62, 59 e 59 universitários, respectivamente, totalizando um número de 548 (60,68%) citações, desses 355 (39,31%) responderam outros tipos de medicamentos, tais como neosaldina®, multigripe®, benegrip®, amoxicilina, dramin®, buscofem® e diclofenaco, como demonstrado no gráfico 2.

Adicionalmente, identificou-se as classes medicamentosas mais utilizadas entre os estudantes (gráfico 3), sendo esses dados estabelecidos a partir das citações mais frequentes pelos universitários no questionário aplicado.

Gráfico 3: Classes de medicamentos mais utilizadas pelos universitários.



Fonte: Autor, 2020.

Foram identificadas 24 classes de medicamentos diferentes, com base nas 125 denominações citados. A classe de medicamentos mais utilizada foram a dos anti-inflamatorios não esteroidais (AINEs) que correspondeu a 24,8% (31 vezes), seguidos pelos analgésicos 15,2% (19 vezes), com valores significativos com relação aos demais, posteriormente a esses as classes dos anti-histamínicos, antieméticos, antibióticos e psicotrópicos, cada uma dessas com 7,2% (9 vezes).

A partir da soma das classes mais citadas, identificou-se que elas correspondem a 68,8% (86 vezes) do total de classes citadas no questionário. Outras classes de medicamentos foram citadas, mas como apareceram em menor proporção, foram agrupadas na categoria outros que corresponde a 31,2% (39 vezes), sendo elas antigripais 4,8% (6 vezes), antiácidos 4,8% (6 vezes), corticoides 3,2% (4 vezes), vitaminas 3,2% (4 vezes), anticolinérgicos 2,4% (3 vezes), inibidor de secreção ácida 2,4% (3 vezes), antidiarreicos 2,4% (3 vezes), preparações caseiras 2,4% (3 vezes), antifúngicos 1,6% (2 vezes), anti-hipertensivos 1,6% (2 vezes), antialérgicos associados a corticoides 1,6% (2 vezes), anti-gases 1,6% (2 vezes), sedativos 0,8%

(1 vez), antiparasitários 0,8% (1 vez), contraceptivos 0,8% (1 vez), laxantes 0,8% (1 vez), antitussígeno 0,8% (1 vez) e regulador da motilidade intestinal 0,8% (1 vez).

5.2 Atividades educativas sobre automedicação

A partir da análise dos dados coletados, foram realizadas atividades de educação em saúde, objetivando sanar os problemas identificados na pesquisa. Essas ações aconteceram em momentos distintos, parcialmente presencial, por meio de atividades dentro da instituição no período 2019.2, nos meses de agosto a dezembro de 2019, contemplando o Seminário de Extensão da UFPI, e posteriormente de forma remota, após a consolidação dos dados nos meses de julho e agosto de 2020, devido a situação de emergência pública global.

Levando em consideração principalmente a situação do momento, visto que no início as atividades aconteceram de forma presencial, juntamente com a entrega de um folder (APÊNDICE C) informativo alertando sobre os riscos da automedicação e a importância do consumo consciente de medicamentos.

Posteriormente, após ter-se identificado as classes terapêuticas mais utilizadas, foi idealizado momentos de discussão sobre estas classes e os riscos inerentes ao consumo desses medicamentos. Como esta ação foi desenvolvida durante o cenário de pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV2) e buscando atender ao público alvo desta pesquisa, em colaboração com a Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica (LAFAT), foram realizadas publicações online por meio do perfil da liga na rede social instagram (@lafatpicos).

As publicações objetivaram esclarecer pontos específicos de cada uma das classes selecionadas, tratando-se da indicação, efeitos colaterais mais comuns, cuidados e outras especificidades elencadas nas publicações. Foram feitas 11 publicações, com as temáticas “automedicação”, “O que é uma prescrição e a sua importância”, “antibióticos”, “analgésicos”, “psicotrópicos”, “anti-inflamatórios”, “antieméticos”, “antialérgicos” e “corticoides” (APÊNDICE D). As publicações obtiveram alto índice de engajamento e interação com o público, desde curtidas, compartilhamentos e marcações de salvos.

6 DISCUSSÃO

A automedicação é comumente observada na população em geral e vem tornando-se uma prática corriqueira entre os estudantes de ensino superior, destacando-se ainda o alto índice dessa prática entre os estudantes dos cursos da saúde. Esse tipo de hábito pode desencadear riscos a saúde do indivíduo e deve ser tratada de maneira cautelosa.

Neste estudo foi constatado que 95% dos estudantes da instituição de ensino avaliada praticam a automedicação, dados preocupantes devido a variabilidade das ações dos medicamentos no organismo, como as reações adversas, os efeitos colaterais, as interações medicamentosas, bem como a intoxicação em decorrência do consumo de medicamentos. Seguindo essa ideia, ratifica-se a importância do desenvolvimento de estudos voltados para a temática do uso irracional dos medicamentos, uma vez que os impactos dessa prática podem provocar consequências até irreversíveis, e mesmo diante da importância do tema, o mesmo ainda é pouco discutido.

Para Lupatine, Vieira e Munck (2014), a automedicação feita de maneira equivocada pode resultar em sérias consequências para o indivíduo, essa prática compromete a realização de uma atividade segura, eficaz, racional e econômico dos medicamentos, essa deve ser planejada e estruturalmente gerida pelos sistemas e profissionais de saúde.

No entanto, Masson *et al*, (2012) destacam que nem tudo é só prejuízo e que a automedicação pode apresentar benefícios. Os principais sintomas que afetam as pessoas são possíveis de se resolver sem obrigatoriamente a necessidade de uma consulta com um profissional de saúde, levando-se em consideração a utilização consciente da dose e da forma que esses medicamentos são utilizados, trata-se do bom senso por parte das pessoas. Seguindo essa ideia, Mastroianni *et al*, (2011), propõe que para que haja a utilização de medicamentos de maneira correta, eficaz e segura, é necessário que o consumidor esteja respaldado por um sistema de informação concreto e seguro.

Foi identificado em nosso estudo que 95% dos estudantes entrevistados praticam a automedicação, esse dado está de acordo com outros estudos anteriormente realizados, como identificado por Galato, Madalena e Pereira (2012), onde os motivos que levam os universitários a praticarem a automedicação podem

incluir a influência da propaganda; o uso de prescrições antigas; a orientação de funcionários de farmácia, amigos, vizinhos e familiares; o armazenamento de medicamentos em casa; a influência de conhecimento próprio e a cultura do autocuidado com a saúde estabelecida no país (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012).

Outro dado importante é que no território nacional quase 40% dos medicamentos são adquiridos para fins de automedicação, podendo-se dizer que para cada dois medicamentos prescritos, pelo menos um é consumido sem orientação médica, sendo comum entre a população a reutilização das prescrições. Em contrapartida alguns estudos apontam que para que a utilização do medicamento seja feita de maneira correta, eficaz e segura, é preciso que o consumidor esteja amparado por um sistema de informação concreto e seguro (MASTROIANNI *et al*, 2011; CASIMIRO *et al*, 2012).

Como apresentado nos resultados acima, as classes medicamentosas mais citadas pelos estudantes foram a dos AINEs, analgésicos, seguido por anti-histamínicos, antieméticos, antibióticos e psicotrópicos. Estes resultados são corroborados pelo exposto em outros trabalhos sobre o tema, como em Torres *et al*, (2010) e em Mastroianni *et al*, (2011), que afirmam que os anti-inflamatórios e analgésicos foram os medicamentos mais consumidos por meio da automedicação entre seus universitários entrevistados.

De acordo com as considerações mais recentes feitas por Souza, Oliveira e Leite (2016) onde citam que a prevalência de dor contínua e desconfortante desencadeia naturalmente o uso de analgésicos e anti-inflamatórios por automedicação entre os estudantes universitários. Contudo, corriqueiramente, muitas pessoas fazem com que os médicos prescrevam medicamentos como dipirona, paracetamol, diclonofaco, nimesulida, entre outros analgésicos e anti-inflamatórios que já tenham costume de ingerir ou já tomam com frequência, como forma de tratamento para os sintomas apresentados, mesmo os prescritores não encorajando a terapia medicamentosa.

Vale enfatizar a facilidade na obtenção dos medicamentos nas farmácias, devido a existência dos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), estes são caracterizados como produtos utilizados para tratar pequenos males e não necessitam de prescrição profissional para a sua comercialização. Esses medicamentos, de

acordo com a Resolução n° 138/03, devem possuir baixo risco a saúde e não devem causar dependência (BRASIL, 2016).

Dentre as várias classes medicamentosas de MIPs, tem-se justamente os AINEs e alguns analgésicos, o que explicaria as elevadas frequências de citações no questionário. Vale ainda destacar que as classes dos antibióticos e psicotrópicos, que também estão entre as mais citadas, não são de venda livre, necessitando de receiturário especial para que sejam adquirido legalmente.

Além do mais, enfatiza-se que outros estudos realizados com o mesmo objetivo de caracterizar o perfil da automedicação, corroboram com os resultados desse estudo quando se refere que maior parte dos indivíduos que se automedicam, adquirem os medicamentos por indicação própria ou por indicação de terceiros (VIEIRA; PERASSOLO, 2012). Esses dados relacionando-se diretamente com os que foram obtidos em nossa pesquisa onde apontou-se que a automedicação era influenciada principalmente pela indicação de terceiros, conhecidos (familiares, amigos e vizinhos) como demonstrado na tabela 2.

Em dados relatados por Martins *et al*, (2011), onde investigou-se a prevalência de uso de medicamentos sem prescrição na população de Teresina no Piauí e foi observado que os responsáveis pela indicação do medicamento foram: outro profissional sem competência de prescrever medicamento (29,61%), balconista de farmácia (29,52%) ou parente/conhecido (29,03%). Diferentemente, no presente estudo, não observou-se esse perfil de indicação para a automedicação na população universitária avaliada, identificado-se que 47,4% relatou que recorre a pessoas conhecidas (família, vizinhos e amigos) para a indicação do medicamento. Com isso, denota-se que as informações por vezes são de fontes leigas e sem conhecimento científico, em contrapartida 36,6% e 13,0% recorrem aos profissionais de saúde e ao serviço de internet, respectivamente.

Foi identificado que 15,2% dos universitários fazem uso de analgésicos, ficando atrás somente do AINES, corroborando com o estudo realizado por Arrais *et al*, (2016), que analisou a prevalência e os fatores associados à utilização de medicamentos por automedicação no Brasil, foi visto que 33,4% faziam uso de analgésicos representando a maioria em nível nacional, apesar de seguir o mesmo raciocínio, no presente estudo demonstrou que o AINES ocuparam o primeiro lugar dentre as classes citadas.

Entre os fármacos mais citados no questionário aplicado aos estudantes destaca-se a dipirona, semelhantemente ao visto por Barreto *et al*, (2016), que alerta sobre a utilização desta substância sem a devida orientação pode ocasionar problemas à saúde, como náuseas, vômito, dor abdominal e insuficiência renal aguda. Além da dipirona, outros fármacos citados em nosso levantamento podem desencadear alterações patológicas, como o paracetamol pode levar à hepatotoxicidade, o ibuprofeno acarreta em vertigem, nistagmo, apneia, inconsciência, hipotensão e insuficiência respiratória, e o AAS pode provocar sangramento gastrointestinal.

Vale ressaltar que essas consequências podem acontecer ou não, à depender o quanto da exposição ao medicamento foi gerado e por quanto tempo faz utilização, além de condições de saúde pré-existentes nos pacientes, em especial as que levem ao comprometimento hepático ou renal.

Infelizmente, muitos medicamentos são utilizados sem prescrição médica e quem ingere, por vezes, recorre de sua autoconfiança ou experiências prévias de sucesso em usar a mesma substância. Essa atitude pode trazer sérios transtornos à saúde, como destacado por Silva *et al*, (2015), onde se verificou a prática da automedicação em estudantes de ensino superior, foi visto que tanto os grupos de estudantes iniciantes e concludentes informaram conhecer os riscos inerentes a esta prática correspondendo à 93,5%, dessa forma, em comparação com o estudo assemelhou um pouco.

Dentre os sintomas mais citados pelos estudantes que levam a prática da automedicação, pode-se destacar algum tipo de dor, principalmente cefaleia, foi citado ainda febre e resfriados. Estes resultados seguem no mesmo sentido dos relatos de Silva (2014), onde em seu estudo evidenciou que os sintomas mais comuns que levam os graduandos à praticarem a automedicação, por conta própria, eram a cefaleia (61%), seguido da febre (27%) e resfriado (25,5%).

Especificamente para estudantes do curso de enfermagem, observa-se que um dos principais motivos para a realização dessa prática é a presença de dor (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012), semelhante ao observado nesse estudo. A enfermagem atua em todos os níveis de atenção a saúde, conhecer o perfil da prática de automedicação é uma necessidade, visto que a assistência prestada, seja ela qual for, deve ser pautada nas necessidades da população que será atendida. Sabendo-se da importância dessa profissão para a população, bem como, da importância dos

seus conhecimentos teóricos e práticos acerca dos medicamentos, era de se esperar que os estudantes e profissionais desta área sintam-se estimulados à praticar a automedicação, ou ainda indicar e ser questionado sobre a indicação de medicamentos.

Segundo a ANVISA, cerca de 18% das mortes por envenenamento no Brasil podem estar relacionadas à automedicação, e em média 23% dos casos de intoxicação infantil estão diretamente associados a ingestão acidental de medicamentos armazenados de forma incorreta. O presente estudo apresenta que cerca de 6,1% das pessoas que se automedicam, se consideram dependentes, de forma à aumentar os riscos de intoxicação ou até morte relacionadas à essa prática. A ANVISA ainda ressalta que os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios estão entre os que mais intoxicam, salientando que estas classes estão entre as mais citadas em nosso estudo, o que evidencia a necessidade de campanhas de conscientização sobre o uso indevido desses medicamentos.

Recentemente em decorrência da pandemia provocada pelo novo coronavírus (Sars-CoV2) a Escola de Educação Permanente do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (EEPHC-USP), destacou que houve um aumento na procura de medicamentos, e isso se deu principalmente pela veiculação de notícias falsas, as *fake news* nas redes sociais, que alimentam nos pacientes a prática da automedicação e o uso abusivo e irracional de medicamentos. Foi destacado ainda o aumento da procura por vermífugo e antivirais, entre outros, além disso, de coquetéis para aumentar a imunidade bem como o uso elevado de vitaminas.

Corroborando ainda com a EEPHC-USP, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) ressalta que o avanço do novo coronavírus impactou significativamente no mercado de medicamentos, mesmo sem a comprovação da eficácia, seja na prevenção ou no tratamento da Covid-19. O CNS cita medicamentos a base de hidroxicloroquina que, segundo pesquisa encomendada pelo Conselho Federal de Farmácias, registraram um aumento de 67% nas vendas nos primeiros três meses de 2020, comparado ao mesmo período do ano anterior, esse dado enfatiza a preocupação frente a prática do uso irracional de medicamentos, e partindo dessa ideia denota-se a importância da realização de campanhas de conscientização.

De acordo com Carvalho Neto *et al*, (2020) as pessoas estão acompanhando os avanços tecnológicos, e com isso estão cada cada vez mais conectadas, devido à facilidade ao acesso a todo conteúdo disponibilizado na internet. Por isso, torna-se

necessário, fazer uso de ferramentas que empreguem as diversas tecnologias e que apresentem a capacidade de alcançar maior número de pessoas, em curto período de tempo, para que possam ser consideradas efetivas e alcançar os objetivos propostos.

Nesse sentido, como forma de retorno à população universitária alvo desta pesquisa e em parceria com a LAFAT, foram feitas publicações no perfil das redes sociais da liga, obtendo-se grande alcance visto que os membros (docentes e discentes) que compõem a liga são vinculados ao *Campus* onde este trabalho foi realizado. Assim, os devidos esclarecimentos e informações educativas acerca das classes medicamentosas postadas tiveram grande repercussão nos estudantes universitários de maneira a despertar uma análise crítica ao tema e, possivelmente, proporcionar uma mudança de visão e paradigmas relacionados à automedicação praticada por esta parcela da população.

7 CONCLUSÃO

No presente estudo foi demonstrado que o perfil de consumo medicamentoso através da automedicação, por estudantes de uma instituição de ensino superior, é bastante elevado, independente da área de conhecimento ou do número de períodos cursados. Nesse sentido, enfatiza-se a escassez de trabalhos nesta área, o que torna este trabalho pioneiro dado a sua abrangência e região de execução.

Durante a realização desse estudo, além da escassez de pesquisas com essa temática, verificou-se a baixa adesão a pesquisa por parte dos estudantes dos cursos de história, letras, matemática, educação do campo e pedagogia, devido a temática abordada, e por se tratar de estudantes que frequentam a universidade somente em um turno. Em decorrência da realização online, houve dificuldades de adesão do questionário, de forma que foram necessários vários envios de lembretes e chamadas para que os estudantes respondessem.

Como forma de melhor orientar a população estudada foram construídos materiais educativos e realizadas ações presenciais e remotas a fim de esclarecer sobre os riscos e prejuízos inerentes ao uso irracional de medicamentos. Ainda destaca-se que a automedicação deve ser realizada de maneira comedida e que os estudantes do ensino superior, em especial os da área da saúde, devam ser apropriadamente capacitados nessa temática tornando-se agentes disseminadores das boas práticas de uso dos medicamentos.

As atividades de educação em saúde, desempenharam um papel importante, durante a realização dos momentos presenciais, houve questionamentos e dúvidas sendo sanadas, bem como o compartilhamento do folder, contribuiu para que as informações fossem multiplicadas. Para além disso, as publicações realizadas remotamente, apresentaram engajamento com os seguidores nas redes sociais, de forma que foi evidenciado as interações e compartilhamentos com as publicações socializadas.

REFERÊNCIAS

ABIAR. Associação Brasileira da Indústria da Automedicação Responsável. ABIAR. **Comércio de Medicamentos Isentos de Prescrição**. 2015.

ABIFARMA. Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas. **Assistência Farmacêutica e a Lei 13.021/2014**. ABIFARMA, 2016

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Protocolo de segurança na prescrição, uso e administração de medicamentos**. Ministério da Saúde. Protocolo coordenado pelo Ministério da Saúde e ANVISA em parceria com FIOCRUZ e FHEMIG. 2014.

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde coletiva**, v.15, n.5, p.2533-538, 2010.

ARRAIS P. S. D. *et al.*, Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**. v.31. n.1.p.71-7. 1997.

ARRAIS P. S. D. *et al.*, Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista Saude Publica**. 2016.

BARRETO, M. F. R. *et al.*, **Riscos da automedicação de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs)**. VIII Semana de Iniciação Científica da FJN. 2016. Recuperado de: <<http://www.fjn.edu.br/sic2016/app/aprovados/article.php?uid=584&aid=331>>.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. ANVISA. **Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Controle e Prevenção da Automedicação. 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde. Política nacional de medicamentos. **Revista de Saude Publica**. v.34. n.2. p.206–9. 2000.

BRASIL. **Cuidado farmacêutico na atenção básica/Ministério da Saúde**, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – 1. ed. rev. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015.

CARVALHO NETO, F. J. *et al.*, Tecnologia educacional sobre descarte domiciliar de medicamentos. **Revista de enfermagem da UFPE online**. 2020.

CASAGRANDE, E. F. *et al.*, **Estudo da utilização de medicamentos pela população universitária do município de Vassouras (RJ)**. *Infarma*. v. 16. n.5/6. p. 86-88. 2004.

CASIMIRO, T. S. *et al.*, Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Revista Medicina, Ribeirão Preto**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

CHAVES, G. C. *et al.* Indicadores de uso racional de medicamentos e acesso a medicamentos: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Farmacologia**. 2005.

EEPHC-USP. **Automedicação e os riscos à saúde em tempos de Covid-19**. São Paulo – SP, 2020. Acessado em: 31 de agosto de 2020. Disponível em : <https://eephcfmusp.org.br/portal/online/automedicacao-riscos-saude-covid19/>

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde coletiva**, Santa Catarina; v.17, n.12, p.3323-330, 2012.

JESUS, A. P. G. A. S.; YOSHIDA, N.CP; DE FREITAS, J.; G. AP. **Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia**. v. 40, n. 2, p. 151-164, 2013.

JOÃO, W. S. J. (2012) Reflexões sobre o Uso Racional de Medicamentos. **Pharmacia Brasileira**. 2010

LAGE, E. A.; FREITAS, M. I. F.; ACURCIO, F. A. Informação sobre medicamentos na imprensa: uma contribuição para o uso racional?. **Ciência & Saúde coletiva**, v.10, n.1, p.133-139, 2005.

LEFÈVRE, F.. **O medicamento como mercadoria simbólica**. São Paulo: Cortez; 1991.

LOYOLA FILHO, A. I. *et al.*. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55- 62, 2002.

LUCHESSI, A. D. *et al.*. Monitoração de propaganda e publicidade de medicamentos: Âmbito de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. v.41, n.3, 2005.

LUPATINI, E. de O.; VIEIRA, R. de C. P. A.; MUNCK, A. K. R. Percepções dos pacientes de um hospital de ensino quanto à farmacoterapia e à orientação farmacêutica na alta. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, São Paulo: v. 5, n. 3, p. 28-33, 2014.

MARTINS, M. C. C. *et al.*. Uso de medicamentos sem prescrição médica em Teresina, PI. **Conscientia e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 31-37, 2011.

MASSON, W. *et al.*. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa e Saúde**. 2012.

MASTROIANNI, P. C. *et al.*. Estoque doméstico e uso de medicamentos em uma população cadastrada na estratégia saúde da família no Brasil. **Revista do Panama en Salude Publica**. v.29. n. 5. p. 358–64, 2011.

OLIVEIRA, L. C. F.; ASSIS, M. M. A.; BARBONI, A. R. Assistência Farmacêutica no Sistema Único de Saúde: da Política Nacional de Medicamentos à Atenção Básica à Saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Feira de Santana, v. 15, n. 3, p. 3561-3567, 2010.

OMS/WHO. World Health Organization. **Uso racional de medicamentos**. Suécia, 2015.

OMS/WHO. World Health Organization. **Medicines: rational use of medicines**. Suécia, 2011.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde nas Américas: edição de 2012: panorama regional e perfis de países**. Washington (DC): Organização Pan-Americana da Saúde; 2012. (Publicação científica e técnica, nº 636).

ROLLASON, V.; VOGT, N. Reduction of polypharmacy in the elderly: a systematic review of the role of the pharmacist. **Drugs and Aging**. v. 20. n. 11. p. 817-832. 2003.

SCHUELTER-TREVISOL, F. *et al.*. Automedicação em universitários. **Revista Brasileira de Clínica Médica**. 2011.

SILVA, J. R.; SOUZA, M.; PAIVA, A. S. Avaliação do uso racional de medicamentos e estoque domiciliar. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**. v. 16. n. 1. p. 109-124, 2012.

SILVA, L. B. da *et al.*. Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. **Revista Espaço para Saúde**. Londrina, v.16, n. 2, p. 27-36, 2014.

SILVA, L. S. F. *et al.*. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Odontologia Clínica-Científica**. 2015.

SOUZA, L. A. F. *et al.*. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2011.

SOUSA, F. T.; OLIVEIRA, T. B.; LEITE, C. L. B. Abordagem interdisciplinar de educação em saúde: a prática da automedicação entre universitários. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 1, Ed. Especial, 106 – 113, set/dez. de 2016.

TOGNOLI, T. A. *et al.*. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. **Journal Health Biology Science**. v. 7. n. 4. p. 382-386, 2019.

TOMASI, E. *et al.*. — Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. v. 10. n. 1. p. 66-74, 2007.

TORRES, F. U. *et al.*. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. **Diagnóstico & Tratamento**, v. 15, n. 2, p. 53-7, 2010.

VIEIRA FS, ZUCCHI P. Financiamento da assistência farmacêutica no sistema único de saúde. **Saude e Sociedade**. v. 22. n. 1. p. 73-84, 2013.

VIEIRA, J. K. F.; PERASSOLO, M. S. Avaliação do conhecimento sobre uso correto e cuidados com medicamentos em cuidadores de pacientes na unidade pediátrica de um hospital. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 8, n. 3, p. 10-25, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS

Idade: _____ anos Sexo: () Feminino ()
Masculino
Curso: _____ Período: _____

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

Você se automedica?

() SIM. () AS VEZES. () NÃO.

Que sintomas sente para ingerir esses medicamentos?

Qual(s) medicamentos utiliza para essas condições?

Costuma obter estes medicamentos sem receita?

() SEMPRE () ÀS VEZES () NUNCA

Onde adquiere estes medicamentos?

Os sintomas passam após ingestão do medicamento?

() SEMPRE () ÀS VEZES () NÃO

Sente alguma reação indesejada após o consumo do medicamento?

() SIM. QUAIS? _____
() NÃO

A quem você recorre para pedir conselhos sobre qual medicamento tomar quando sente algum mal estar?

() PROFISSIONAL DE SAÚDE () CONHECIDOS () INTERNET

Você costuma analisar quais os riscos que você pode estar se expondo?

() SIM () ÀS VEZES () NÃO

Você se considera dependente de algum medicamento?

() SIM. QUAL? _____ . () NÃO.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI -UFPI
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP 64600-000
PICOS- PI– BRASIL

Pesquisador Responsável: Italo Rossi Roseno Martins
Pesquisador Associado: Denival Nascimento Vieiro Júnior
Endereço: Rua Cicero Eduardo S/N
Bairro : Junco CEP: 64600-000 Picos- PI
Fone: (89) 98143-6808
E-mail: italorossi@ufpi.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Automedicação no ensino superior: identificando o problema e propondo soluções. Neste estudo pretendemos:

- Identificar a prevalência da automedicação na comunidade universitária de uma instituição pública de ensino superior;
- Conhecer os medicamentos mais utilizados em uso pelo público alvo;
- Orientar os usuários dos riscos e perigos inerentes à automedicação, alertando sobre a importância de se procurar um profissional de saúde para os devidos esclarecimentos.

O motivo que nos leva a conhecer a comunidade em que será inserido no que diz respeito à suas necessidades básicas, enfermidades e tratamento a ela disponibilizado fornece subsidio para se executar estratégias que ajudem a população.

MÉTODOS

Busca ativa de usuários de prática da automedicação na comunidade universitária de uma instituição pública de ensino superior, na cidade de Picos/PI, através do preenchimento de questionário específico com informações sobre o paciente (diagnostico, idade, sexo, comorbidades) e acerca do hábito (fármaco utilizado, posologia seguida, efeitos adversos, local de obtenção do medicamento). A partir dos dados obtidos, realizar uma análise de prevalência de acadêmicos que se automedicam para dessa forma subsidiar as ações de educação em saúde. O preenchimento do questionário será na sala de aula, em um espaço de tempo considerado pelo participante, não será necessário identificar o instrumento de coleta de dados com nome garantindo assim a privacidade do participante.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Os riscos relacionados com a sua participação são:

- Constrangimento ao responder algumas perguntas;
- Cansaço mental ao ter que lembrar informações importantes;
- Tomar uma parte do seu tempo ao responder o questionário;
- Informações reveladas.

Mediante os riscos expostos, serão tomadas algumas medidas e precauções:

- Em relação ao constrangimento, os desconfortos serão minimizados mediante a preparação de um local reservado, e a todo o momento o candidato terá a

livre escolha de responder ou não as questões que lhe causem constrangimento.

- Para diminuir o cansaço mental, será explicado aos participantes que os mesmos podem sair a qualquer momento da sala e pedir ajuda a pessoas que possam contribuir para a recordação das informações/respostas.
- Quanto ao tempo, o questionário foi elaborado em sua maior parte com perguntas fechadas para facilitar as respostas e reduzir o tempo de permanência do participante em sala. Além disso, será garantido o direito de o mesmo desistir a qualquer momento de responder o questionário.
- Será garantido a todo momento o sigilo das informações coletadas, mediante o acesso restrito dos mesmos apenas pelos pesquisadores envolvidos.
- Será garantido o direito da indenização, caso haja algum dano ou violação referente a divulgação da identificação dos participantes.

Por meio dos dados coletados, serão geradas informações que servirão de base para a elaboração de ações que ajudarão a comunidade acadêmica quanto ao uso correto das medicações. Além disso, servirá aos docentes quanto ao seu papel como educadores na formação de alunos saudáveis. A partir disso, a comunidade acadêmica poderá estar levando tais informações para a sociedade e dessa forma transmitindo conhecimento e promovendo saúde. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Em caso de necessidade ou prejuízo você será ressarcido ou indenizado.

Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo Automedicação no ensino superior: identificando o problema e propondo soluções, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Picos/PI, _____ de _____ de 2019.

Assinatura participante

Assinatura pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa:

Endereço do CEP:

Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Rua Cicero Eduardo, S/N; Bairro: Junco; CEP: 64600-000, Picos/PI

E-mail: cep-picos@ufpi.edu.br Telefone: (89) 3422-3003

Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00.

APÊNDICE C – FOLDER EDUCATIVO ACERCA DA AUTOMEDICAÇÃO

ANTI-INFLAMATÓRIOS



Os anti-inflamatórios são comumente utilizados no tratamento de dores e inflamações. Essa classe de medicamentos está entre as mais utilizadas de forma indiscriminada.

EFEITOS COLATERAIS

- Ulceração gástrica
- Bloqueio da agregação plaquetária
- Inibição da função renal
- Reações de hipersensibilidade (alergias)
- Toxicidade hepática



Cartilha desenvolvida como parte do projeto de extensão: "Cuidados na automedicação: orientar como ferramenta de promoção à saúde"

Realização:




Vamos conversar sobre automedicação?




USO CORRETO DOS MEDICAMENTOS

INDICAÇÃO CORRETA - MEDICAMENTO CERTO - DOSE ADEQUADA - ADMINISTRAÇÃO CORRETA - TEMPO DE TRATAMENTO NECESSÁRIO - MENOR CUSTO POSSÍVEL.



OS PERIGOS DA AUTOMEDICAÇÃO

- AGRAVAMENTO DA DOENÇA
- INTOXICAÇÃO
- VÍRUS E BACTÉRIAS RESISTENTES
- VARIAÇÃO DO EFEITO DO REMÉDIO
- ALERGIAS
- MORTE



Remédios mais consumidos na automedicação

Analgésicos	48%
Anti-inflamatórios	20%
Antitênicos	13%
Antibióticos	8%
Antivirais (baria preta)	3%

Fonte: Instituto de Pesquisas e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (IPTQ)

Analgésicos



São medicamentos bastante eficazes no alívio da dor e do desconforto de diversas causas, como a enxaqueca, resfriados e gripe.

REAÇÕES ADVERSAS GRAVES:


- Reação alérgica grave e imediata que pode levar à morte
- Reações cutâneas com risco à vida
- Hepatite fulminante
- Alterações nas células sanguíneas

USO RACIONAL DOS ANTIBIÓTICOS

A automedicação com antibióticos para tratar sintomas ou doenças, sem orientação ou prescrição profissional, é um sério problema de saúde global.

Usar antibióticos por um curto período de tempo ou interromper o tratamento, pode levar à resistência bacteriana e tornar o medicamento ineficaz no combate à doença. Além de dificultar o tratamento, isso também pode afetar outras bactérias que ajudam o nosso organismo a funcionar.



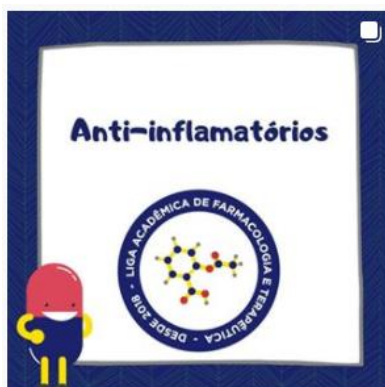
APÊNDICE D – PUBLICAÇÕES EDUCATIVAS PARA REDE SOCIAL



lafatpicos Enviar mensagem 👤 ▼ ⋮

49 publicações 570 seguidores 474 seguindo

LAFAT - UFPI CSHNB
→ Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica
UFPI - CSHNB
→ Ensino, pesquisa e extensão. 💊
📌 Picos - PI



ANEXOS

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
SENADOR HELVÍDIO NUNES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AUTOMEDICAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: IDENTIFICANDO O PROBLEMA E PROPONDO SOLUÇÕES

Pesquisador: ITALO ROSSI ROSENO MARTINS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 00604818.8.0000.8057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.062.533

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa da Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica que busca saber a prevalência da automedicação entre os acadêmicos de uma instituição de ensino superior de Picos-Piauí. Será realizado a busca ativa de usuários de prática da automedicação na comunidade universitária de uma instituição de nível superior, na cidade de Picos, através do preenchimento de questionário específico com informações sobre o paciente (diagnóstico, idade, sexo, comorbidades) e acerca do hábito (fármaco utilizado, posologia seguida, efeitos adversos, local de obtenção do medicamento). A partir dos dados obtidos, realizar uma análise de prevalência de acadêmicos que se automedicam para dessa forma subsidiar as ações de educação em saúde.

O estudo será realizado em uma instituição de nível superior no município de Picos, situado no centro-sul do Piauí, possuinte de 3.181 discentes matriculados no período 2018.2.

População do estudo: Os discentes matriculados regularmente na Universidade pública na zona urbana, em

Endereço: CICERO DUARTE 905

Bairro: JUNCO

CEP: 64.607-670

UF: PI

Município: PICOS

Telefone: (88)3422-3003

E-mail: cep-picos@ufpi.edu.br

UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
SENADOR HELVÍDIO NUNES



Continuação do Parecer: 3.002-533

Picos-PI.

Crítérios de inclusão:

- Acadêmicos regularmente matriculados nos cursos ofertados pela instituição de nível superior onde a pesquisa será realizada;
- Ser maior de 18 anos.

Crítérios de exclusão:

- Não estar matriculado em nenhum componente curricular dos cursos ofertados pela instituição alvo da pesquisa.

A coleta de dados no campo será realizada por meio da aplicação de questionários, com perguntas variadas sobre o tema. Os questionários serão aplicados em 4 semanas distintas, com uma meta de 318 discentes entrevistados, que corresponde a um percentual de 10% do total de alunos matriculados.

O público alvo será abordado com uma breve explicação do objetivo da pesquisa, caso aceitem participar da amostra, será entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que terá que ser assinado. Após este procedimento os discentes serão levados para uma sala restrita, onde poderão responder os questionários, sem nenhuma influência de terceiros e com total privacidade. Dessa forma, atingindo a meta do número de participantes, poderemos assim, organizar os dados coletados para posteriores análises.

Os dados serão organizados e analisados no programa de computador Microsoft Excel, por ordem de data em que os questionários forem aplicados, dentro dessa classificação, o critério estabelecido será a organização por ordem alfabética.

Serão realizados os cálculos de média das respostas obtidas e feito a porcentagem do total de cada resultado, para que os resultados sejam apresentados em forma de gráficos de setores, com um gráfico para cada pergunta do instrumento de coleta de dados.

Endereço: CICERO DUARTE 905

Bairro: JUNCO

CEP: 64.607-670

UF: PI

Município: PICOS

Telefone: (89)3422-3003

E-mail: csp-picos@ufpi.edu.br

UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
SENADOR HELVÍDIO NUNES



Continuação do Parecer: 3.062-533

Objetivo da Pesquisa:

Primário:

Identificar e analisar o valor quantitativo de estudantes que fazem o uso de medicamentos sem prescrição, em uma universidade pública na cidade de Picos, no estado do Piauí.

Secundários

- Identificar a prevalência da automedicação na comunidade universitária de uma instituição pública de ensino superior;
- Conhecer os medicamentos mais utilizados (classes farmacológicas, posologia, indicação) em uso pelo público alvo;
- Orientar os usuários dos riscos e perigos inerentes à automedicação, alertando sobre a importância de se procurar um profissional de saúde para os devidos esclarecimentos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos relacionados com a sua participação são:

- Constrangimento ao responder algumas perguntas;
- Cansaço mental ao ter que lembrar informações importantes;
- Tomar uma parte do seu tempo ao responder o questionário;
- Invasão de privacidade ao serem revelados informações pessoais;
- A quebra do sigilo não intencional das informações coletadas é algo comum a todas as pesquisas, porém serão tomadas uma série de cuidados para que tais problemas não aconteçam.

BENEFÍCIOS:

Por meio dos dados coletados, serão geradas informações pertinentes que servirão de base para a elaboração de ações que ajudarão a comunidade acadêmica quanto ao uso correto das medicações. Além disso, servirá para alertar os discentes quanto aos riscos da automedicação, bem como aos docentes quanto ao seu papel como educadores na formação de profissionais saudáveis. A partir disso, a comunidade acadêmica poderá estar levando tais informações para a sociedade e assim possa estar gerando, transmitindo conhecimento e promovendo saúde.

Endereço: CICERO DUARTE 905

Bairro: JUNCO

CEP: 64.607-670

UF: PI

Município: PICOS

Telefone: (88)3422-3623

E-mail: csp-picos@ufpi.edu.br

**UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
SENADOR HELVÍDIO NUNES**



Continuação do Parecer: 3.062.530

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e pertinente uma vez que, no Brasil, pelo menos 35% dos medicamentos são adquiridos por automedicação. (AQUINO, D. S.; BARRÓS, J. A. C.; SILVA, M. D. P., 2010).

Tendo em vista que o público universitário tende a ser mais impulsivo e menos cuidadoso, bem como está mais exposto aos estresses diários na vida acadêmica, podem estar mais sujeitos a utilização de medicação sem prescrição, em busca de alívios a sinais e sintomas momentâneos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), mais de 50% de todos os fármacos são prescritos, dispensados ou vendidos inapropriadamente; metade dos usuários não seguem a posologia dos fármacos de forma correta; e mais de 50% de todos os países não implementam políticas básicas para promover o uso racional de fármacos.

Fatores diversos, como a medicalização e as estratégias promocionais da indústria farmacêutica, podem contribuir para a efetivação de práticas e desejos "irracionais" de utilização de medicamentos por indivíduos ou populações.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo. Atendeu aos requisitos solicitados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo. Atendeu aos requisitos solicitados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P RQJETO_1221519.pdf	14/11/2018 16:53:33		Aceito
Cronograma	10cronograma.pdf	14/11/2018 16:47:01	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	0ProjetoCompleto_NOVO.docx	14/11/2018 16:39:06	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	7autorizacao_institucionalNOVO.pdf	14/11/2018 16:38:10	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito

Endereço: CICERO DUARTE 905

Bairro: JUNCO

CEP: 64.607-670

UF: PI

Município: PICOS

Telefone: (89)3422-3003

E-mail: cep-picos@ufpi.edu.br

**UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
SENADOR HELVÍDIO NUNES**



Continuação do Parecer: 3.062-533

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	8TCLE_NOVO.docx	14/11/2018 16:36:00	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Outros	6Formulario.docx	05/10/2018 12:26:45	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Outros	4Termo_confidencialidade.pdf	05/10/2018 12:24:44	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Outros	3Carta_encaminhamento_CEP.png	05/10/2018 12:23:35	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Outros	2Lattes.pdf	05/10/2018 12:22:12	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Orçamento	9Orçamento.pdf	05/10/2018 12:21:42	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	1Declaracao_pesquisador.pdf	05/10/2018 12:19:46	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	5folhaDeRostoAssinada.pdf	05/10/2018 12:00:16	ITALO ROSSI ROSENO MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PICOS, 06 de Dezembro de 2018

**Assinado por:
LUIZA HELENA DE OLIVEIRA LIMA
(Coordenador(a))**

Endereço: CICERO DUARTE 905

Bairro: JUNCO

CEP: 64.607-670

UF: PI

Município: PICOS

Telefone: (89)3422-3000

E-mail: cep-picos@ufpi.edu.br



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **Denival Nascimento Vieira Júnior**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **“Identificação da frequência de automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior”** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 06 de abril de 2021.



Denival Nascimento Vieira Júnior